ILLUSTRAÇÃO
PORTUGUEZA
NUMERO
5
2ª SERIE
EMPREZA DO SECULO LISBOA

I

O PORTO DE LISBOA

De bom grado olhamos para o passado de Portugal. Com prazer rememoramos as epocas gloriosas da nossa historia e até ás vezes aquellas em que o oiro do Brazil alimentava as nossas vaidades sem alentar nem a nossa industria, nem a nossa agricultura. Admiramos os heroes da historia patria, extasiamo-nos perante a largueza de vistas de Affonso d'Albuquerque ou do Marquez de Pombal, mas não nos atrevemos a encarar de frente o que o futuro póde reservar para o nosso paiz. Se algum estadista nosso quiz ter iniciativa, quiz obrigar-nos a caminhar como as outras nações, ou passou por visionario ou foi taxado de aventureiro. Apontar nomes seria reforçar a nossa asserção, mas ainda se póde dizer que estão quentes as cinzas de alguns, não apagadas as paixões provocadas pelas idéas de outros e por isso mais vale seguir o conselho do Dante: *ma guarda e passa* e embarcarmo-nos no batel doirado da phantasia, para vivermos a Lisboa que deveriamos ter d'aqui por vinte annos, que é forçoso que tenhamos até antes d'essa epoca, sob pena de darmos razão á prophecia de um estadista inglez, cujo nome tambem não citaremos.

Chamamos-lhe *Lisboa no anno 2000*; mas, se progredirmos a valer e como devemos, dentro de 96 annos teremos ultrapassado tudo quanto phantasiarmos aqui.

Quando muito, bastarão trinta annos para que se realise tudo quanto sonharmos escrevendo. Queiramos, mas queiramol-o a valer e tudo quanto fizemos ficará a perder de vista do que phantasiarmos.

A terra de *muytas e desvairadas gentes* n'uma manhã de junho teve noticia de que demandava a barra o *Gil Eannes*, o melhor e mais rapido dos vapores da *Norte Europa*, companhia de navegação que, em dez annos, açambarcara o trafego da *Royal Mail*, da *Société Navale de l'Ouest* e da *Hamburger Linie*.

A séde da companhia de navegação denominada *Norte Europa* era um bello palacio de estylo manuelino situado no Aterro, não longe do anteporto. Tambem era n'esse palacio que estavam installadas as *Companhias de navegação para a Africa Oriental, Africa Occidental e Sul America*. Poderosa companhia era a *Norte Europa*, possuidora de doze grandes transatlanticos. Em frente d'aquelle palacio, no largo para que deitava a fachada principal, via-se a estatua de Vasco da Gama, que descreveremos mais adeante.

O *Gil Eannes* foi construido nos estaleiros que uma grande empreza portugueza possuia no Ginjal. Era este o maior vapor da carreira *Norte Europa*. Media de pôpa á prôa 250 metros, 48 de largura e 22 de profundidade. Deslocava 70:000 toneladas e comportava 47:000. As machinas desenvolviam 26:000 cavallos de força e imprimiam-lhe uma velocidade de 30 milhas por hora, de maneira que pouco mais gastava de 25 horas e meia de Londres para Lisboa. Accommodava 900 passageiros de primeira classe, 400 de segunda e 250 de terceira, além de 3:000 na entreponte.

Apezar das suas grandes dimensões era diminuto

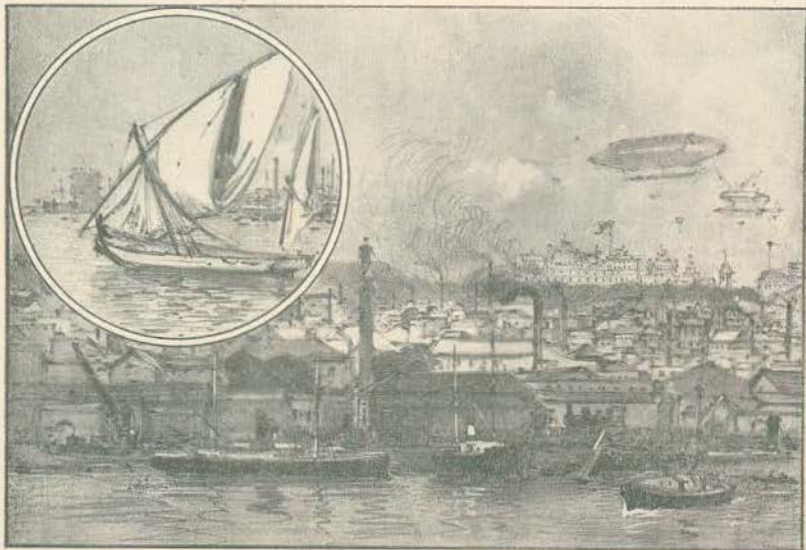
o numero de homens de tripulação, se se abstrahissem os criados e moços de bordo.

A carga das fornalhas das caldeiras, tambem construidas em Portugal, fazia-se mecanicamente por meio de um systema de pyrometros e alavancas que actuavam dragas que lançavam automaticamente o carvão sobre as grelhas. O combustivel empregado era o pó do carvão, segundo um processo inventado por um engenheiro portuguez.

Um chimico portuguez inventara tambem um methodo de applicação do calor dos gazes da combustão á decomposição do ar atmospherico, aproveitando-se o oxigenio puro para queimar o carbonio e produzir o calor e o azote reagindo sobre

Como o indica o seu nome, o *teleparinelo* avisava longe, e, de facto, com este apparelho conheciam-se os obstaculos que se encontravam na derrota da embarcação até tres milhas de distancia.

Como os possantes freios que possuiam as machinas do *Gil Eannes* detinham o vapor em doze segundos, por isso havia trinta vezes mais tempo do que era preciso para evitar os abalroamentos.

Para que pormenorisar este apparelho avisador que revelava os obstaculos por meio de uma bussola das tangentes? Para que alongarmo-nos na descripção d'este machinismo que tanto impressionou Portugal quando se fizeram as primeiras experiencias com elle? Para que recordar o enthusias-

«Lisboa era o ponto de reunião de todas as marinhas do mundo inteiro...»

a jorra, que ficava em diminuta quantidade, transformava-a n'um adubo chimico de um poder fertilisante extraordinario.

As machinas do *Gil Eannes* eram turbo-motores actuadas pela expansão do vapor, de maneira que, assim como os paioes do combustivel, occupavam um espaço restricto.

A electricidade, sob todas as suas multiplices formas, era distribuida em toda a embarcação.

Disistimos de descrever por agora as luxuosissimas installações d'esta embarcação, mas lembraremos que o *teleparinelo*, inventado por um electricista portuguez, applicando os solenoides conicos de van Thuylen, é que deu azo a poder-se obter a enorme velocidade com que o *Gil Eannes* percorria meio gran meridiano em uma hora, ou por outra cada milha maritima em 2 minutos de tempo.

mo com que foi coberta só em Lisboa umas poucas de vezes a emissão de obrigações para a construcção do *Gil Eannes*? São factos de todos conhecidos e por isso imaginemo-nos a bordo.

A's 6 horas da manhã, o *Gil Eannes* avistou o cabo da Roca e era dia claro quando aproou á barra. Por isso já estavam apagadas as luzes de Cabo Raso, Santa Martha, Guia, Cascaes, S. Julião, Bugio, Porto Covo, Caxias, Belem e Cacilhas.

Desde as alturas de Cintra, da Pena, da Cruz Alta até á beira do mar estavam os terrenos todos admiravelmente cultivados, distribuindo-se n'elles, irregular mas pittorescamente, lindas casas, mostrando cautelosamente por entre o arvoredo a brancura das suas paredes ou destacando-se vaidosas no meio do verdejar dos prados.

Atravez d'aquella extensa area de terrenos serpeiavam estradas branquejantes, orladas de arvores

«Uma serie de V invertidos, de cujo vertice pendia um carril a que se suspendiam as carruagens que constituiam o comboio, dava um aspecto curioso ás ruas.»

que se distinguiam perfeitamente com o auxilio do oculo.

Ainda recorrendo ao oculo de alcance se divisava o systema perfeito de aproveitamento das aguas que outr'ora corriam selvagens, ravinando os terrenos por onde passavam.

As ribeiras de Manique, das Amoreiras, da Lage e de Barcarena distribuiam-se em innumeras ramificações pelos terrenos adjacentes. A ribeira de Jamor foi desviada do seu curso para produzir uma queda de agua para producção de electricidade, para illuminação da Cruz Quebrada, Linda a Pastora, Dáfundo, Algés e Caxias.

Com a correcção das ribeiras marginaes e obras avançadas junto da torre de S. Julião, attenuou-se de tal maneira o *Cachopo do norte*, que o corredor attingiu 18 metros de profundidade, chegando a barra grande a 25 metros de fundo.

Podiam por isso indifferentemente os navios escolher uma ou outra derrota para a entrada de Lisboa e bem necessario foi isso, porque era enorme a affluencia de embarcações de todo o calado que entravam e saiam do porto a todos os instantes.

A costa arenosa da Trafaria e a duna que se prolonga para o sul até á lagôa de Albufeira estava toda arborisada e para exploração dos cortes florestaes foi preciso construir uma linha ferrea. Demais a Trafaria estava transformada n'um grande centro industrial. Tinha 25 fabricas de conservas de peixe. Desde o alto de Murfacem, da Torre, do Pragal até á margem esquerda do Tejo só fabricas é que se viam ou installações para serviço maritimo.

Atracou ha pouco um vapor á ponte-caes de uma fabrica. Lá desceram os vagonetes carregados de mercadorias, lá manobrou o guindaste movido a agua em pressão que tomou de uma só vez a carga toda de um vagonete e a depositou no porão. E bastavam dois homens para manobrar tamanhos volumes, tão pesados.

Mais adiante, um vapor carvoeiro atracou á ponte, ainda não ha dois minutos. Desceu uma draga os seus baldes ao porão e começou descarregando carvão, lançando-o para vagonetes ligados entre si por simples cabos e todos a um cabo de aço que os levava até ao planalto que fica por cima do antigo Lazareto.

Completou-se a carga. O machinista da draga desandou uma manivella e todos os vagonetes subiram uma forte rampa de 18 por cento, tocados apenas pela acção do ar comprimido. Tornejaram a parte superior do deposito de carvão, descarregaram todos a um tempo, abrindo automaticamente o taipal e basculando em unisono, sob a acção de um freio electrico.

Descarregados, retomaram a posição normal sobre o caixilho, graças a um magnete que o machinista actuou para esse effeito e voltaram a descer para receberem nova carga, quando outros carregados subiam a rampa e outros já estavam completando-a.

No deposito de carvão da Banatica via-se o carvão descer por uma tela sem fim que se inclinava sobre uma caleira que a punha em communicação com a bôcca do paiol. Carregava assim duzentas toneladas de combustivel por minuto, enchendo n'um relance os paioes do maior vapor.

Depois viam-se os grandes estaleiros que construiram o *Gil Eannes* e o Arsenal de Marinha entre Mutella e Margueira, occupando 49 hectares de terreno e tendo annexos os bairros para os operarios e pessoal dirigente, constituidos por casas alcandorando-se até ao Pragal, todas com quatro fachadas, de architectura genuinamente portugueza, mas de extraordinaria variedade de formas.

O *Gil Eannes* tocára em Christiania, onde se dizia que andava o cholera morbus, e por isso não atracou no caes. Os passageiros desceram para o vapor de serviço do posto de desinfecção e logo que desembarcaram foram successivamente passando pelos quartos de banho, ao passo que as roupas iam para as camaras de desinfecção. Meia hora depois estavam livres os passageiros. As bagagens dos que seguiam para outras terras do paiz eram mettidas em vagon especial onde se desinfectavam; as dos que ficaram em Lisboa passaram ás camaras de sulfuração e só quatro horas depois é que foram distribuidas aos seus donos, por meio de carruagens automoveis especialmente destinadas para este fim.

Lisboa era o ponto de reunião de todas as marinhas do mundo inteiro. Nos caes, ao lado dos sons asperos do hollandez, soavam as vogaes harmoniosas do italiano; no inglez cheio de abreviaturas, com metade das letras mal pronunciadas, respondia o hespanhol, onde todas soam como clarins em tropel de batalha.

As necessidades sempre crescentes da população, as exigencias de cada vez maiores do commercio de importação e de exportação e da industria obrigaram a Camara Municipal a denunciar o contracto que ainda por largos annos devia vigorar com a Companhia Carris de Ferro.

Foi preciso estabelecer o metropolitano, ligando o centro de Lisboa com todas as linhas ferreas.

Desde Cabo Ruivo para juzante, só se encontram *warfs* e linhas ferreas de serviço de armazens. Cada uma d'essas pontes-caes tinha um possante guindaste e alguns transportadores aereos, quando serviam fabricas existentes em Alfama, no valle de Alcantara e até ao alto de Santo Amaro.

As linhas ferreas ramificavam-se pelos caes. Na extremidade deste da doca de Alcantara, todos os terrenos entre a antiga ponte de Alcantara o o Tejo estavam occupados pelas linhas ferreas do serviço. Ali se cruzavam em todos os sentidos os transportadores aereos.

O metropolitano de carril sobre-elevado foi o que se adoptou em Lisboa. Este systema iniciado em Zossen na Allemanha não deu os resultados que de elle se esperavam, mas um engenheiro portuguez fizera-lhe modificações tão importantes que o tornára extremamente pratico.

Uma serie de V invertidos, de cujo vertice pendia um carril a que se suspendiam as carruagens que constituiam o comboio, dava um aspecto curioso ás ruas atravessadas por aquelle transportador.

Cada linha metropolitana constituia um circuito completo, de modo que as carruagens circulam sempre no mesmo sentido. A frente da carruagem de avante prolongava-se em angulo agudo, para cortar a resistencia do ar. As estações, munidas de elevadores que distribuiam os passageiros segundo as classes, estavam dispostas de maneira que os comboios paravam automaticamente, abrindo-se tambem automaticamente as portas das carruagens. Pelo lado esquerdo entravam os passageiros e pelo direito é que era a saida.

Era a electricidade o motor d'esta linha e os

«A trafaria estava transformada n'um grande centro industrial. Tinha vinte e cinco fabricas de conservas de peixe. Desde o alto de Marfacem, da Torre, do Pragal, até á margem esquerda do Tejo só fabricas é que se viam...»

comboios succediam-se de cinco em cinco minutos, andando com a velocidade normal de sessenta kilometros á hora, mas podendo attingir cento e oitenta nos dias de maior movimento.

De noite illuminavam-se com lampadas de côres os supportes em V do metropolitano e grandes lampadas encimando-os davam um aspecto festivo á cidade.

As carruagens do metropolitano seguiam sem descontinuar como meteoros luminosos, os americanos e os automoveis com lanternas de variegadas côres semelhavam enormes vaga lumes. Para todos esses meios de transporte havia passageiros. Pesadas galeras movidas automaticamente transportavam toda a casta de mercadorias e nos caes trabalhava-se á luz da electricidade com a mesma azafama com que se andava de dia.

As operações de carga e descarga, o embarque do carvão, as aguadas tudo se fazia com extrema rapidez, a ponto tal que os navios que entravam na reponta d'agua, tinham tempo de descarregar as mercadorias, completar a carga, fazer aguada, receber mantimentos, metter carvão e seguir na vazante immediata barra fóra, porque os portuguezes tinham de todo esquecido o annexim de que ha mais marés do que marinheiros.

Do mar lhes viera a riqueza, pelo mar conquistaram outra vez e definitivamente de esta feita o logar a que tinham direito como nação gloriosa de industriaes, de agricultores e de nautas.

Por isso Lisboa se transformara inteiramente. A' belleza com que a enfeitara o céu azul de Portugal, juntava-se agora a arte com que o homem soubera completar as magnificencias da natureza. Para as admirar viera o *Gil Eannes* cheio de passageiros e para tambem as vêrmos é que iremos em breve no encalço de elles, porque muitos e grandiosos monumentos temos que contemplar, innumeras fabricas e variadas construcções temos que examinar. Mas tanto é o que temos que contar que seria abusar da paciencia dos leitores fazel-o agora.

MELLO DE MATTOS.

Os regeneradores regressando á arcada

Os ultimos momentos de um ministro —O sr. conselheiro Eduardo José Coelho saindo do ministerio do reino

Os ultimos momentos de um ministro —O sr. conselheiro Arthur Montenegro saindo do ministerio da justiça

A DEMISSÃO DO MINISTERIO — *Aspectos da arcada*

PALACIOS, CASTELLOS E SOLARES DE PORTUGAL

— PAÇO DE GIELLA

No desbaratado espolio da velha nobreza de Entre Douro e Minho avultam os arruinados solares, onde, na phrase de Elpino, «as negras aves da noite horridas corujam».

Indiscretas adulterações, lastimosos accrescimos e peccaminosas reformas põem, por vezes, o sello do ridiculo n'esses monumentos da nossa passada grandeza, que triumpharam do pertinaz furor dos seculos e escaparam á ira demolidora do camartello.

Os domicilios da nobreza suicida foram geralmente transferidos para os vastos e pretenciosos edificios construidos no seculo XVII e XVIII sobre as ruinas das pequenas casas aristocraticas excepcionalmente acastelladas mas geralmente defendidas por torres vigilantes.

D'ahi o valor que a raridade accrescenta aos solares onde, ou sobrevive o castello medieval ou se admiram as reedificações o os accrescimos pela opulencia do estylo manuelino e pela delicadeza artistica da Renascença.

E' nosso proposito fazer um resumido inventario d'esses raros monumentos; mas a despeito de perseverantes diligencias não podemos evitar a costumada sonegação de bens.

Entre os solares que manteem um prestigio secular contamos o velho Paço de Giella, cavalleiro á margem esquerda do rio Vez e curiosa testemunha que de perto observa a vida raras vezes inquieta da pittoresca villa dos Arcos de Val de Vez.

Quem de longe avista o denegrido monumento é avassaliado pela facil e intensa suggestão das acastelladas residencias feudaes; mas a impressão modifica-se á medida que a distancia diminue e que a reedificação manuelina se manifesta no coroamento ameado da casa nobre, nas duas das cinco janellas da fachada principal e na famosa janella rasgada na cortina que faz angulo com a velha torre roqueira.

Um escudo com as armas dos Limas, Silvas e Sottomaiores está collocado sobre essa formosa janella do seculo XVI, que chama a attenção do observador perito sem tirar o interesse ás duas portas ogivaes das duas fachadas. A torre é guarnecida por um *machicouli*, voltado ao leste.

A gravura dispensa alongar minuciosas descripções e dá-nos espaço para uma rapida narrativa que mais interessa aos leitores.

Fernão Annes de Lima, fidalgo gallego, de esclarecida linhagem, tomou o partido do Mestre de Aviz que lhe prodigalisou mercês e lhe doou, em 1399, a casa e quinta de Giella. O velho solar dos Giellas ou Zellas, então vago á corôa, passa a ser solar dos Limas em Portugal. D. Leonel de Lima foi o 1.º Visconde de Villa Nova da Cerveira.

Como temos de fallar mais demoradamente d'esta illustre familia, quando nos occuparmos do seu palacio em Ponte do Lima, onde residiram, diremos apenas que o Paço de Giella foi vendido, ha cerca de quarenta annos, pelo ultimo Marquez de Ponte do Lima.

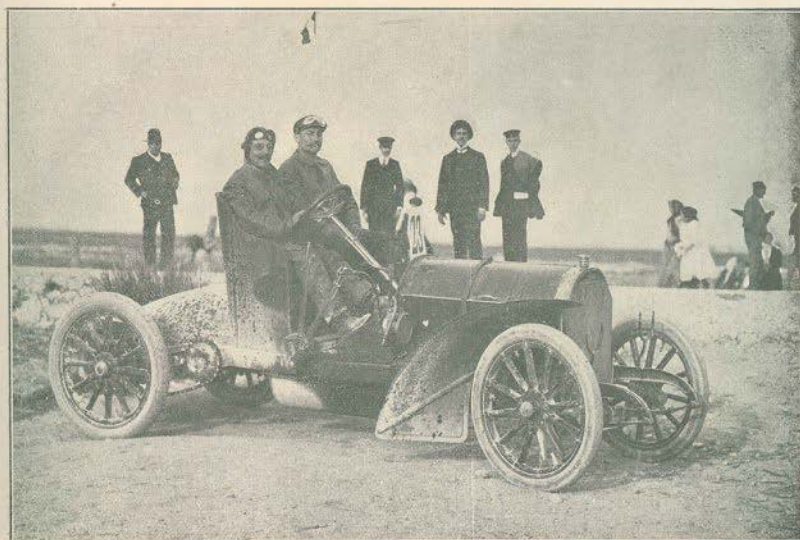
A vantajosa situação e a facil defeza d'este nobre edificio determinou o governador das Armas de Castella D. Balthazar de Roxas Pantoja a estabelecer aqui o seu quartel quando os gallegos invadiram o Minho em 1662.

Referindo este facto largamente narrado pelo Conde da Ericeira fazemos ponto, para não excedermos os limites que nos foram marcados.

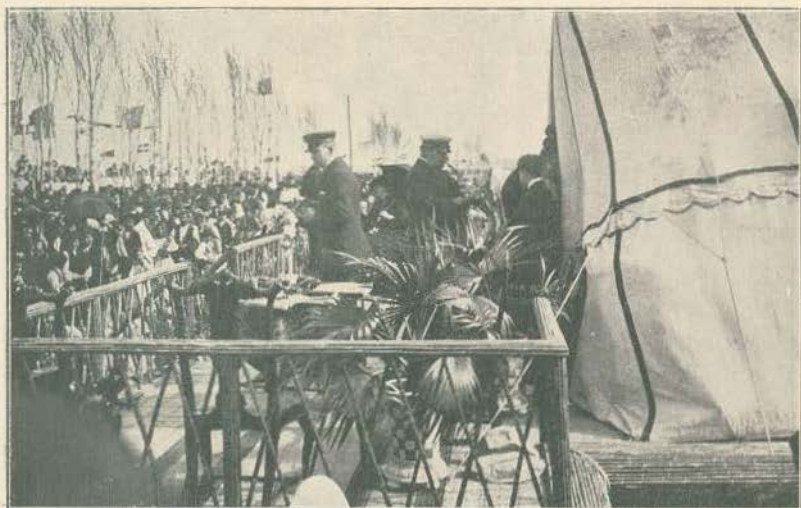
(Cliché do sr. João São Romão)

JOSÉ MACHADO.

AS CORRIDAS DE VALLADA
EM 18 DE MARÇO

O automovel vencedor, Fiat, de 24-40 cavallos, do sr. Carlos Bleck, que fez o percurso em 43 segundos, guiado pelo «chauffeur» sr. José Aguiar, administrador da Sociedade Portugueza de Automoveis

O automovel Zart, do sr. Esteves Fernandes de Oliveira, que fez o percurso em 50 segundos

AS CORRIDAS DE VALLADA

EM 18 DE MARÇO

Na tribuna real—Sua magestade El-Rei e sua alteza o Principe Real tirando photographias

A motocycleta vencedora, de 12 cavallos, montada pelo sr. Raul Buisson, que fez o percurso em 36 segundos.

A *Illustração Portugueza* obteve auctorisação do illustre auctor da *Ceia dos Cardeaes* para publicar a scena com que abre a nova peça em verso, em que o consagrado dramaturgo está actualmente trabalhando. Como os nossos leitores vão vêr, a inspiração e o talento poeticos do traductor do *Rei Lear* e do *Caminheiro* parecem cada vez mais esplendidos de vigôr, mais opulentos de colorido, mais musicaes de rythmo. A *Illustração Portugueza* considera-se feliz de poder offerecer aos seus leitores, com alguns mezes de antecipação, os primores da nova obra dramatica de um dos maiores poetas portuguezes contemporaneos.

PRIMEIRO QUADRO

O côro de uma Egreja romanica, em construcção. Stalas enormes, alinhadas. Abside profunda onde um velho dominicano, Fray Diego, *sobre andaimes, pinta um fresco byzantino, em fundo de oiro: a Tentação de Santo Antão eremita. A meio da scena, sobre um escabello, um frade leigo, muito velho, de barba enorme, serve de modelo a* Fray Diego. — *Frestas altas. Luz da tarde.*

SCENA I

FRAY DIEGO, o LEIGO

FRAY DIEGO, *descendo do estrado, quasi em extase para a pintura, e approximando-se do leigo*

Vê! Vê! Vê! — Pregador e Doutor venerando,
Sirvo melhor a Deus pintando que pregando...
A pintura é christã em toda a sua essencia:
Chamou-lhe S. Basilio a suprema eloquencia!
Vê o santo... — D'aqui... — No seu burél desfeito,

O olhar no Céu, os pés em sangue, as mãos no peito,
Sombra que eu fiz surgir a um sôpro divino,
Em fundo d'oiro, como um méstre bysantino! —
Tu, que fôste o modelo, achas justa a expressão?
— Dize... Vê bem...

O LEIGO, *n'um grande olhar pasmado*

Eu vejo o meu retrato, irmão.

FRAY DIEGO, *conduzindo o leigo mais para o fundo*

Talvez melhor d'aqui... Vê! Que bem se recorta,
Pallida, sobre o oiro, a face quasi morta...
E entretanto, ha amor na expressão que lhe dei...
Amor... Não te parece?

O LEIGO, *docemente*

Irmão, eu nunca amei.

FRAY DIEGO

Nunca? E tão velho! Então que fizeste de ti,
Em tanto anno de vida?

O LEIGO

Irmão, — envelheci.

FRAY DIEGO, *tristemente*

E eu? Que fiz eu tambem? És cego como eu sou...
Nenhum de nós viveu, — porque nenhum amou.

SCENA II

OS MESMOS, GIL

GIL, *moço doutor, fisico palatino, entrando, de samarra negra e murça amarella, n'um grande riso aberto*

Fray Diego!

FRAY DIEGO, *abrindo lhe os braços, commovidamente, como a um filho*

Gil! — Gil! — Gil!

GIL., *abraçando-o*

Méstre!

FRAY DIEGO

Em Palencia? Aqui?

GIL.

Ia para Toledo e lembrei-me de si,
Méstre. Vêr o convento, a ordem nova, os frades...
— Prégadores, não é? — Depois, matar saudades.

FRAY DIEGO

Ha tanto tempo! Vem! Abraça-me! Estou velho,
Mudado...

GIL., *olhando-o*

Faz-lhe falta o capello vermelho
De Bolonha. Ia bem á sua barba enorme...
Pois eu vou a Toledo ou a Paris, — conforme.
Dizem que ha lá talento e uma Universidade.

FRAY DIEGO

E que vaes tu buscar a Paris?

GIL., *tranquillamente*

A Verdade.

FRAY DIEGO

A Verdade? — Ah, meu filho... Então, — então não vás.
Podes correr o mundo e não a encontrarás,
— Em Bolonha, Paris, Montpellier, Avinhão,
Em prelado ou reitor, em syndico ou deão,
Nos fólios de Bysancio ou nos textos hebreus...
Não, não a encontrarás, porque a Verdade, — é Deus.

GIL.

Mas n'esse caso, méstre, é Deus que eu vou buscando!
Encontral-o-hei? Talvez, — não sei onde nem quando,

N'um texto de Platão, n'um calustro de doutores,
N'um cadaver, no céu, nas estrellas, nas flôres,
Na Tabla-de-esmeralda ou na alchimia escondida...
É um tormento viver sem conhecer a vida.
Sou medico, — e afinal, que sei de extraordinario?
Rususcitei alguem? Não. Antes p'lo contrario.
Que conheço eu das leis, das Origens, da essencia
Da nossa natureza e da nossa existencia?
Tudo um problema. Tudo um mysterio profundo.
Tenho o mundo a meus pés, — e não conheço o mundo.
Ninguem sabe quem sou. Um homem, um instante,
Uma sombra, um acaso, um beijo palpitante...
Perguntei por mim mesmo a prelados, doutores,
Aos gregos mais subtis e aos theologos melhores,
A Synésio, a Platão, á Legenda Dourada:
«És um Deus, — quasi tudo, e um homem, — quasi nada!»
Ora para aprender, méstre, já não é cêdo.
Vou depois a Paris, — mas primeiro a Toledo.
Os Arabes têm lá uma Universidade.

FRAY DIEGO, *n'um furor mystico*

Inimigos de Deus!

GIL

Amigos da Verdade!

FRAY DIEGO

Mas, meu filho...

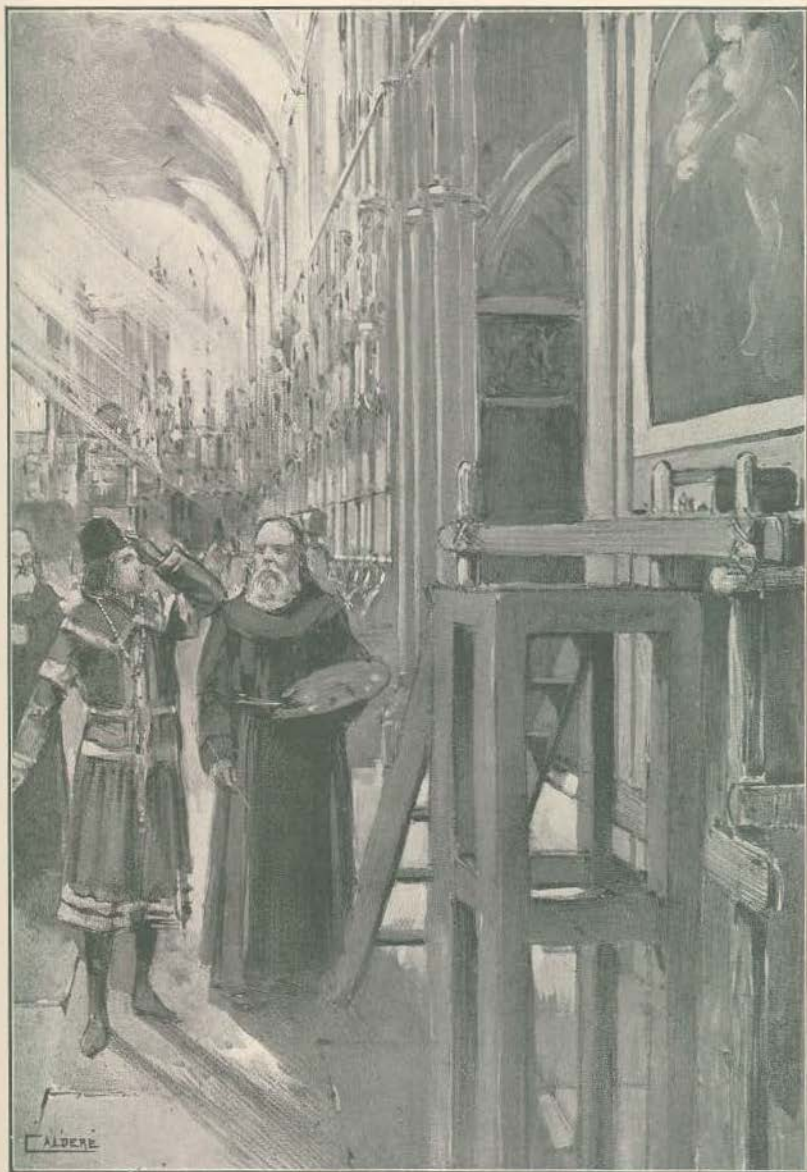
GIL

Direito ao fim que me propuz:
Não sei viver sem luz, — vou procurar a luz!

FRAY DIEGO

Toledo é a escuridão... São tres Cóvas fechadas!

GIL, *n'um grande gesto*

Têm lá dentro Avicena, — estão illuminadas!

MESTRE, — *é a Tentação de toda a humanidade*

FRAY DIEGO

Inda te has de lembrar do que eu hoje te digo:
Refugia-te embora em algum claustro antigo,
Entre textos e leis, syndicos e doutores,
Que quanto mais lettrado e mais sabio tu fôres,
— Diz-t'o a minha velhice e o muito que aprendi —
Mais a Verdade, filho, ha de fugir de ti.
Sou um velho, bem vês. Devem ouvir-se os velhos.
Lêste o grego e o latim sentado nos meus joelhos,
Beijei-te muita vez... E tenho toda a idéa:
Puxavas-me p'la barba e erravas a Odysséa.
Tambem fui como tu... Persegui a Verdade,
E de Universidade em Universidade,
Apenas aprendi, — ó prodigio infinito! —
A voltar-me p'ra Deus, a ajoelhar contricto,
E humilimo, a trocar por habito melhor
O pallium d'Arcebispo e a murça de Doutor.
Ah! Quanta vez, já frade, aqui, n'este convento,
Eu senti vacillar o proprio pensamento,
E vi desenrolar-se ao meu olhar mortal
Um mundo mysterioso e sobrenatural!
Quanta vez! E eu, que em tempo, — um ignorante eterno! —
Corria a folhear o Fórmicus Materno,
Pythagoras, Zénon, a Lenda-Aurea, tudo, —
Hoje fico submisso, extasiado e mudo,
Não procuro explicar os prodigios que veja,
Abraço a minha sombra e louvo a Santa Egreja.

(retomando os pincéis e subindo ao estrado)

Mas tu perdoarás se eu continuar pintando:
Tinha aqui o modelo e estava trabalhando.
— Vamos, frade.

GIL, *olhando o enorme fresco*

Perdão, méstre. Não tinha visto,
Quando entrei na capella. O que está pintando?

FRAY DIEGO, *affastando-se e indicando*

Isto.
Um fresco primitivo. A legenda está escripta
Ao lado. — A Tentação de Santo Antão Eremita.

GIL, *beijando a mão de Fray Diego*

Beijo a mão que a pintou. Tem grandeza e verdade,
Méstre, — é a Tentação de toda a humanidade!

FRAY DIEGO, *descrevendo a pintura extactico*

O santo, no deserto, entre cardos em flôr,
Vê surgir a Riqueza, o Poder e o Amor,
Entre o oiro do poente e a névoa dos espaços...
Aquella mulher núa, a envolvel-o nos braços,
É a Volupia eterna, é a Fórma perfeita...
Só o corpo. A cabeça ainda não está feita.
Vê... A carne tem luz, tem côr, tem claridade...

GIL

Perigosa pintura em um convento, frade!

FRAY DIEGO

É uma lenda christã...

GIL

Não devia escolhel-a.

FRAY DIEGO, *tristemente*

Porque a pintura é má?

GIL

Porque a pintura é bella!
Tão bella, que de a vêr parece-me — perdão! —
Que teve o inferno, méstre, a guiar a sua mão...

FRAY DIEGO

Filho!

GIL

Essa velha mão sobre o fresco doirado...

FRAY DIEGO

Filho, tem sido Deus, Deus, que m'a tem guiado!

GIL

Deus não revela a um frade essa nudez...

FRAY DIEGO

Sonhei-a!

GIL, *depois de um silencio, como quem comprehende tudo*

Ah!

FRAY DIEGO

Que foi?

GIL

Quasi nada. Apenas uma idéa.

O LEIGO, *a quem outro frade tem vindo dizer qualquer coisa, em segredo, dirigindo-se a Fray Diego*

O Provincial que chama.

FRAY DIEGO, *ao leigo, que se affasta*

Irmão, — quando quizeres.

GIL, *depois de ter sahido o leigo*

Uma pergunta, méstre: entram aqui mulheres?

FRAY DIEGO, *vivamente*

Não. Nunca a uma mulher se abriu este convento.

GIL

Pintou, por conseguinte, á força de talento,
Sem um modelo? — Ah, não, mestre. Não pode ser.
Não se pinta de cór um corpo de mulher.
É preciso ser novo, ardente, e ter vivido...
O méstre deve estar um bocado esquecido.
Setenta annos, não é? Ha muito pormenor
Que só lembra depois d'uma noite d'amor,
Entre o surdo gemer de sêdas mysteriosas...
E o méstre já não tem a noção d'essas cousas.
Setenta annos, bem vê... Fôsse lá ter de cór
Tudo o que ha na mulher em rythmo, em fórma, em côr,
Tudo isso que nos dá a impressão deliciosa
De vêr sol através uma folha de rosa, —
Uma sombra doirada, uma curva indolente,
Fórma que é sempre a mesma e sempre differente,
Perfume feito luz, carne feita desejo,
Sonho que apenas dura emquanto dura um beijo!
Ora este corpo, méstre, é immensamente bello!
Desafio o pintor que o faça sem modelo,

E rasgue sobre esse oiro antigo e bysantino,
Corpo mais tentador e seio mais divino!
Não, não, — não creio, frade. Aquella carne vive,
Palpita... Ia jurar. Teve um modelo!

FRAY DIEGO, *deixando-se cahir sobre um escabello*

Tive.

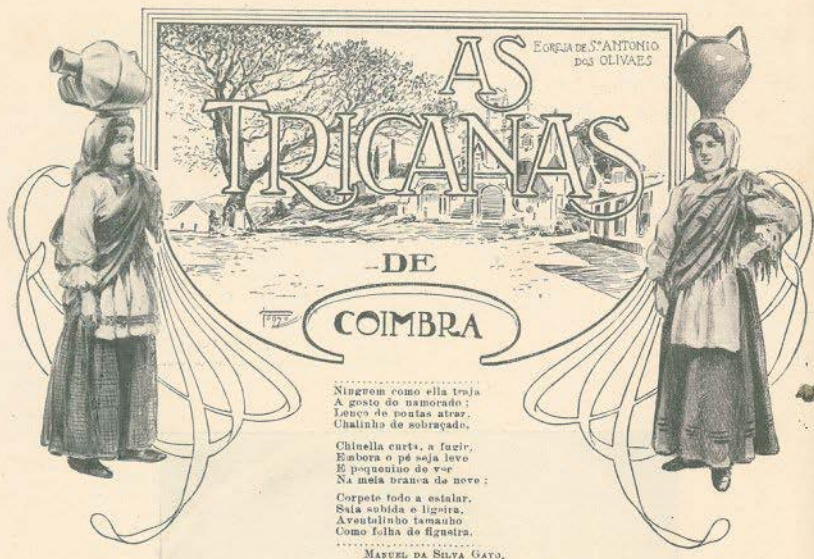
....

JULIO DANTAS.

Aquella mulher nua, a envolvel-o nos braços,
E' a Volupia eterna, é a Fórma perfeita...

AS TRICANAS DE COIMBRA

EGREJA DE S.TO ANTONIO DOS OLIVAES

. . . .

Ninguem como ella traja
A gosto do namorado;
Lenço de pontas atraz,
Chalinho de sobraçado,

Chinella curta, a fugir,
Embora o pé seja leve
E pequenino de vêr
Na meia branca de neve;

Corpete todo a estalar,
Saia subida e ligeira,
Aventalinho tamanho
Como folha de figueira.

. . . .

MANUEL DA SILVA GAYO.

O que maiormente enleva e surprehende, a quem aborda pela vez primeira a terra sagrada pelos amores de Ignez, não é tanto a pompa dos seus lentes, o sabor das suas *arrufadas* ou a hirta magestade dos oito seculos de monarchia enfileirados na Sala dos Capellos, mas a subtil harmonia, a maravilhosa proporção e congruencia que a Natureza estabeleceu ali, em tudo o que é creado.

N'um clima bemfazejo e quasi sempre igual, nada de grandes traços, de fortes vegetações, ou de coloridos berrantes na paizagem. Esta é alguma coisa como um quadro de japonez, mystico sacerdote da arte, comprazendo-se em tirar os seus effeitos sempre de linhas breves, ondulantes, fugidias, de levezas de côr, de attitudes martyrisadas nos caules finos e dolentes do arvoredo.

A cada passo uma collina, um monticulo, um outeiro; mas até quando os horisontes se alargam, a planicie a perder de vista não ganha nunca a bruteza da charneca, ou sequer a uniformidade fatigante do pastio da campina extremenha — antes fica toda feita em detalhes, e tão terna nas suas meias-tintas, que jámais a fitou um olhar nostalgico, sem presentir n'essas jardas de terreno como que a expressão d'um instante de tristeza — que deveria ser branda e suavissima — do Creador dos mundos...

O artista, por seu turno, possuido do espirito regional, buscou talhar na pedra afeiçoavel das velhas construcções do burgo, coisas ingenuas e sinceras, que não pudessem offender a carinhosa melancolia das terras; e, havendo-o conseguido, só faltava que a mulher, fecho e synthese de toda a obra de belleza, não destoasse dos elementos do quadro, antes viesse traduzir, em quintessencia, a alma de quanto a rodeava.

Tricana do arrabalde
(Phot. J. Gonçalves)

Ponham no campo coimbrão uma alemtejana bem fornida, ou a beirôa mascula e alvar, e ahi teremos annullada toda a obra, como se, n'uma téla delicada de Ho-Ko-Sai, alguem fosse pintar em supplemento uma *touriste* allemã, pesada, inesthetica, de *canotier* e mala de viagem.

Por felicidade, ainda n'este ponto foi coherente e sabia a Natureza.

A *tricana de Coimbra* é uma desterrada dos ocios aristocraticos de salão para a subalternidade vexatoria e injusta da vida plebeia. Em cada qual somos forçados a vêr uma princeza encantada por artificios de fada má, e constrangida a correr a sua sina emquanto um conde não vem de terras longes pronunciar a palavra mysteriosa que lhe quebre o encantamento...

E não é rara, em verdade, a apparição d'esse conde na pessoa d'um bacharel enamorado, que as arranca das penas e trabalhos do ferro d'engommar para o tranquillo remanso da sua casa de lavoura na provincia, onde ellas ao depois veem a tornar-se senhoras, e gordas.

Filha, quasi sempre, de estudante e engomma-

Tricana da cidade
(Phot. J. Gonçalves)

deira, descendente, muitas vezes, das mais nobres casas d'este reino — algumas d'ellas sendo mesmo conhecidas e tratadas, com geral consenso, pelos seus appellidos fidalgos — a tricana tem mui pouco do povo em que arbitrariamente se encontra classificada, e herdou da degenerescencia das classes altas, além da agudeza do espirito, a morbida pallidez das carnes, certa perversão das tendencias e desejos, o appetite dos prazeres pouco banaes, o romanticismo postiço das paixões e a queda para os ocios deleitosos, que afinam a sensualidade e dão ensejo ás aladas fugas da phantasia... Tudo isto, sem fazer da tricana, positivamente, o que se chama *uma boa dona de casa*, a torna apta, por excellencia, para o desempenho da sua missão social, que é a de tornar ligeira e alegre, quão possivel, a preparação scientifica de quasi toda a mocidade portugueza.

Esta austeridade aristocratica a todo o instante se comprova, mesmo nos costumes instinctivos da tricana.

Quem não sabe dos chás galantes da Assumpçãosinha dos bandós, celebre pelo seu pallido perfil de santa byzantina, e só rival na graça, ao tempo, da flexuosa Izabel — a tricana que eu conheci antes de todas em Coimbra, e com quem joguei idiotamente a bisca nos meus primeiros dias de caloiro?...

A Assumpção reunia então em sua casa tudo o que a Academia contava de melhor, nas lettras, na bohemia e na estirpe. Certamente, era indispensavel que os convivas — o D. Thomaz de Noronha, hoje na India, o poeta Lopes-Vieira, o esturdio *Pad-Zé*, agora transmutado em dr. Alberto Costa, Emerico d'Alpoim, D. Sebastião da Gama e outros mais — tivessem o cuidado de levar no bolso, para o festim, uma garrafa de Madeira, um pacote de chá e alguns bolos. Tornava-se mesmo necessario que um d'elles se prestasse a accender o fogareiro, pôr a agua ao lume e agitar o abano, até que se apromptasse a infusão; mas, feito isto, a Assumpção dos bandós presidia á festa com a gentileza e o donaire que uma grande dama não excede, no *five-o-clock* mais distincto e precioso...

Tricana da cidade
(Phot. J. Gonçalves)

Esta parte anecdotica da vida coimbrã afigura-se-me extremamente curiosa, e sobretudo muito elucidativa no que respeita á psychologia d'esse extranho entesinho que é a tricana, vivendo na sombra da Universidade, em extase, como a sonhadora de Zola no sopé da Cathedral, e amando o estudante com o amor meio carnal e meio mystico, que a beata offerece aos santos e aos padres.

Tricana do arrabalde
(Phot. J. M. dos Santos)

Que póde haver mais interessante, sob este aspecto, do que a lenda da Rosa Hespanhola, *que por amor se foi a um convento*, e que ha poucos annos chamou lagrimas aos olhos de todas as donzellas da provincia, com a pathetica elegia, cantada em verso côxo, dos seus amores inditosos?

Nunca foi narrada por escripto, que eu saiba, a verdadeira historia da Rosa, mais da sua tragedia; e os leitores d'esta *Illustração* veem a ser os primeiros, segundo creio, que possam medir-lhe cabalmente o pittoresco.

Ha dez ou onze annos estudavam em Coimbra Affonso Lopes-Vieira e D. Thomaz de Noronha, um curioso typo de estudante á antiga, bohemio, desfructador, estoira-vergas, gosando em *gourmet* as aventuras e os grandes lances dramaticos.

Lopes-Vieira, prestigioso entre as mulheres pelos seus versos e pelo extranho do seu typo de loiro sonhador, era um pouco talvez por *snobismo* — porque toda a tricana é *snob* — um pouco, sem duvida, por sentimento, amado e perseguido pela Rosa Hespanhola, cachopa celebre, que por seu turno punha a cabeça á roda a muitos bacharelandos do tempo, desprovidos, por seu mal, do

Tricana do arrabalde
(Phot. J. Gonçalves)

Tricana do arrabalde
(Phot. J. Gonçalves)

buço fino e da bagagem litteraria d'aquell'outro.

As coisas seguiam os seus tramites e encaminhavam-se, provavelmente, para o desfecho habitual de incidentes taes, quando feriu lume o genio theatral de D. Thomaz.

Um poeta, uma tricana airosa, uma paixão — que tres incomparaveis elementos para o preparo d'uma d'estas scenas de melodrama, que dão brado e deixam um auctor para sempre em paz com a sua consciencia!...

Isto foi pensado de noite. Na manhã seguinte, D. Thomaz faltou ás aulas, chamou a tricana á fala, e com o ar compungido e austero de quem vae dizer solemnes coisas, deu parte á triste de uma grande calamidade: Lopes-Vieira, promettido em casamento a uma duqueza de Lisboa, não podia de modo algum baixar os olhos até ao tugurio humilde da malaventurada; mas, enternecido pela pureza dos sentimentos que animavam Rosa (e dos quaes Affonso — insinuava D. Thomaz—não andaria longe, porventura) pedia-lhe resignação, convidando-a a acolher-se, ao menos temporariamente, ao severo claustro d'um convento bracarense, que nomeava.

A Rosa Hespanhola, quando tal ouviu, dizem que poz a mão na anca, arrebitou o nariz, e perguntou a D. Thomaz se estava doido, ou se julgava que ella fosse parva. Porém o mystificador acudiu com copia d'argumentos, aventou a possibilidade de *vir tudo a acabar em bem*, volvidos mezes, discorreu sobre os regalos e confortos da vida monastica, acenou com o engodo d'uma abundante mezada, para as doçarias e licores: e com taes artes se houve, em summa, que a pobre moça, bastante lida em Camillo, foi attentando na proposta, no começo com desprazer, depois condescendente, e por fim com o alvoroço d'uma noviça

Tricana do arrabalde

(Phot. J. Gonçalves)

que houvesse sido catechisada, não pelo malicioso D. Thomaz, mas pelo mais virtuoso e inspirado de todos os padres da Egreja.

A noticia da

Tricana do arrabalde

(Instantaneo de João de Mello)

Tricana da cidade

(Phot. Mario Gayo)

proxima profissão da Rosa estalou em Coimbra como um petardo. Lopes-Vieira ficou, no primeiro instante, fulminado; e mais ainda quando se espalharam pela cidade as quadras vêsgas assignadas pela nova e rude Soror Marianna, mas entregues na typographia por D. Thomaz, clandestinamente, em original escripto por seu punho...

Nada mais comico, por esses dias, que vêr a Rosa Hespanhola, a Rosa das fogueiras e das ceias, atravessar desalentadamente as ruas de Coimbra, pendida a fronte, o rosto macerado, com a mala arranjada em casa para a partida—fazendo ás companheiras e ao mundo peccaminoso os seus derradeiros adeuses. Alguns estudantes encontravam-na, exclamavam espantados:

—O' Rosa, pois tu vaes enterrar-te n'um convento?!

A Rosa logo, com um fulgor momentaneo no olhar:

—Que importa? Ao menos fico na legenda!

E este *na legenda* cheirava a D. Thomaz, que tresandava...

Breve lhes conto o remate da historia. Não é banal: a Rosa Hespanhola, cançada em curto espaço da monotonia da cella, rasgou o habito, disse

Tricana da cidade
(Phot. J. M. Santos)

adeus á madre superiora, e reappareceu em Coimbra ao tempo em que D. Thomaz obtinha afinal o seu solicitado emprego publico.

Em virtude do que, o interessante funccionario resolveu leval-a comsigo para a India, onde a esta hora, provavelmente, a ama entre palmares...

Mas como essa — se não me falhasse o espaço — quantas historietas haveria ainda para vos contar:—da Rachelinha dos olhos em amendoa, da Laura litterata e tuberculosa, da rebolada Olivia, *a bolinha d'amor*, da Julinha Feijó com o seu rosto arrancado a algum quadro religioso dos Primitivos, da outra Julia que se passeava em Coimbra, trazendo n'uma das mãos uma guitarra, e na outra a *Casa de Ramires*, da Therezinha de Santa Clara, *a casta*, da aloirada Palmyra, da Micas, da Elysa, da Silvina, de tantas mais que vejo passar em farandola, derramando em torno, como chuva d'oiro, o Amor, a Vida, o Prazer, o Riso!...

—E depois?—inquirireis.—Que é feito d'ellas? Oh! pungente coisa!... A' hora em que se dissipa o sonho, em que esmaece a belleza e as carnes começam a ser flaccidas, chegou a expiação. Imaginae uma rainha de hontem—rainha pela graça, pelo encanto, pelo prestigio da carne—que ao vêr partir-se contra o ultimo degrau do seu throno ephemero a taça da derradeira libação votiva, é subitamente condemnada a ir servir, nas noites tumultuosas das *republicas*, o triumpho das mais jovens, a quem uma nova legião de cavalleiros acaba de erguer agora nos escudos! Pensaes o que isto deva ser para uma mulher, muitas vezes patricia pelo sangue?

Servente, a tricana mudou-se em animal prestavel. Arruma quartos, faz recados, distribue sebentas, empresta sapatos para o acto e informa solicitamente das notas escolares dos patrões e das difficuldades provaveis da lição seguinte—isto por inconfidencia dos lentes, que, conservadores e saudosos, continuam ainda a visital-a.

Perde então os seus cognomes carinhosos. Aquella que além vêdes desgrenhada, encobrindo o torso espapaçado n'um casibeque de chita sem enfeites, é a *Clara Perna-camba*, e foi outr'ora a mais linda tricana do seu tempo; aquell'outra de tez cançada e olhar mortiço, é a *Conceição Carqueija*, por quem tres estudantes se mataram; e — como quer que as mulheres acabem breve—a ideal amante do Hylario, poeta e cantador de fados, é hoje uma velha desleixada e beberrica, que se chama—*a Cacacá*...

Surge a filharada—alcateias de creanças que foram nascendo no decorrer dos annos, que ninguem jámais conseguira vêr, e aos quaes só a mãe póde determinar agora a exacta filiação paterna.

—O' Conceição Pulcheria!—interroga-se—quem é este?

E ella, buscando rapido com o olhar o pimpolho apontado:

—Este é o Eduardito, filho do sr. dr. X..., conservador em Beja.

—E esta, ó Conceição, qual é?

Logo ella, dando conta do recado:

—Esta é a Magdalena, filha do sr. dr. V..., tabellião em Braga.

—E mais esta, ó Conceição?

—Esta é Victorina, filha do sr. dr. Y..., juiz da Relação.

Filhos do acaso, que para o acaso se criam, esses corpitos frageis de candidas adolescentes já vão sonhando as noitadas de luar, o Penedo da Saudade, as esturdias ruidosas no Choupal, e as manhãs sobre a relva, aconchegadas n'uma capa, a qual seria a d'aquelle estudante d'olhos como carvões, que passa todos os dias com a pasta, que lhes dá palmadas na face e fala muito, com sua mãe, nos bailes maravilhosos do palacio real...

O Jacob dos Arcos do Jardim creou e educou não sei quantas filhas esbeltas—sem proveito, porque todos os annos, fatalmente, a mais velha da casa, fosse qual fosse, tinha de fugir-lhe n'uma manhã de primavera, para apparecer, corridos dias, de *ménage* estabelecido com algum quintanista de Direito, dos mais irresistiveis.

Interrogado sobre as suas impressões, o Jacob encolhia resignadamente os hombros, murmurando:

—Que fazer, meu senhor, isto é fadario!...

E continuava pacificamente a crear as outras, até lhe desapparecer na primavera seguinte a que era para então indigitada—emquanto lhe duraram, está visto.

Coimbra é como esse pae bonacheirão, cercando de ternura, de disvellos, de carinho, as suas virgens, que todos os annos serão sacrificadas, uma por uma, inilludivelmente, ás exigencias e mandados implacaveis do Minotauro-Amor...

ANNIBAL SOARES.

Tricana da cidade
(Phot. J. Gonçalves)

II

A ACTRIZ VIRGINIA

Faz no proximo dia 15 de abril quarenta annos que realisou a sua estreia no theatro do Principe Real a grande actriz Virginia. É um anniversario commovedor que passa. São quasi umas bodas de oiro que se festejam. A «Illustração Portugueza» antecipa-se á actualidade d'esta commemoração, para que a homenagem, que no presente numero presta á maior das actrizes portuguezas contemporaneas, possa ter a honra de suggerir quaesquer outras que por ventura n'essa data lhe tenham a ser prestadas. Virginia tudo merece. Nunca por uma alma de mulher passou mais caracterisadamente a ternura e a paixão da nossa raça. Nenhuma outra actriz realisou d'um modo mais completo o typo resignado e sentimental da mulher portugueza. Tivemos grandes tragicas como Emilia das Neves, grandes damas centraes como Gertrudes, grandes caracteristicas como Delfina Perpetua do Espirito Santo, grandes ingenuas como a illustre Rosa Damasceno; mas nenhuma outra das nossas maiores comediantes conseguiu ferir, como Virginia, a nota pura d'um sentimento ou d'uma emoção. Quem ha ahi, a quem ella não tenha feito chorar uma lagrima? Quem, que se não tenha commovido com a sua voz,—essa linda voz que nos dá a impressão intraduzivel d'uma taça de cristal batendo n'um timbre de oiro? Nunca ninguem a excedeu, nem sequer a egualou ninguem,—porque Virginia é unica e inimitavel. A legenda de bondade e de virtude que a circumda como uma auréola, espiritualisando-a mais, augmenta ainda o seu prestigio e, se é possivel, valorisa a sua arte. Não ha hoje, no cartaz de todos os theatros, nome algum de mulher que valha o da assombrosa creadora da Fedora e da Martyr, do Musette e da Dyonisia. Como Brazão, Virginia é uma actriz para todo o publico,—grande e pequeno, culto e inculto. O alto poder de dominação do seu talento estende-se a todas as platéas, a todas as intelligencias, a todos os corações. A sua figura interessa e commove,—como tudo quanto se diga a seu respeito, mesmo a mais leve anecdota, mesmo o mais ligeiro pormenor. A «Illustração Portugueza», fiel ao seu programma, aproveita a opportunidade do 40.º anniversario da iniciação de Virginia, para, saudando a grande actriz, publicar algumas notas ineditas e interessantes acerca dos seus primeiros passos e das curiosas figuras de theatro do seu tempo.

UMA VOCAÇÃO — NO «PRINCIPE REAL» — VIRGINIA ERA FEIA OU BONITA? — UMA BRUTALIDADE DE FRANCISCO PALHA

Virginia representa, entre nós, o typo da actriz de vocação. Não se fez: nasceu. O seu triumpho não significa apenas, como em tantos outros comediantes illustres, o resultado d'um esforço mais ou menos intelligente, mais ou menos pertinaz: a paixão do theatro estava-lhe no sangue, vinha-lhe desde o berço, era uma necessidade do seu temperamento, uma fatalidade da sua organisação.

Pequenina ainda, o seu maior prazer era ir ao theatro com o padrinho, que como accionista da «Rua dos Condes», o velho e glorioso barracão, tinha o privilegio de assistir a todas as recitas e a todos os ensaios geraes. Quando elle a levava, Virginia ficava radiante. Passava a noite na sua cadeira, muito esperta, muito attenta, com os olhos cheios de brilho, a face n'uma constante mobilidade, —e á volta, quando chegava a casa, punha-se a representar tudo quanto vira, ella sósinha, cantando, dançando, repetindo

A actriz Virginia aos 13 annos

phrases inteiras, scenas inteiras, reproduzindo attitudes, inflexões, gestos, movimentos. A familia começou a notar a excepcional vocação da pequena e pensou desde logo em destinal-a ao theatro. Tinha 12 annos quando esteve para representar pela primeira vez na «Rua dos Condes», fazendo um papel de creança n'uma peça intitulada—*Adão e Eva*. Mas por qualquer razão a peça não chegou a subir á scena, e Virginia continuou na sua tranquilla obscuridade infantil.

Passaram-se tres annos. Por este tempo, o theatro do Principe Real estava a dar dinheiro com a empreza dirigida pelo Cesar de Lima. O padrinho de Virginia falou ao velho Ruas, avô do actual, e pediu-lhe para escripturar a pequena que lhe parecia vir a dar uma ingenua de merecimento. Os dois emprezarios viram-na, entregaram-lhe um papelinho insignificante para trazer estudado d'ahi a dois dias, gostaram da maneira por que ella o recitou, escripturaram-na, deram-lhe 12 mil réis, e d'ahi a pouco tempo, a 15 de abril de 1866, Virginia

A actriz Virginia aos 16 annos

debutava na peça em 2 actos, *Mocidade e Honra*, traducção de José Antonio dos Santos. Agradou immenso. Era um encanto de pequena, com um lindo sorriso, uma linda voz, ainda muito acanhada, sem saber andar, sem saber mover os braços. No segundo acto da peça, que se passava durante um baile, Virginia trazia na mão um ramo de flôres, immovel, muito espetado, e levava o acto inteiro na mesma posição, com o ramo estendido, como se quizesse offerecel-o a toda a gente. Dizia-lhe então a Anna Pereira, muito afflicta, d'entre bastidores:

—«Olhe o ramo, menina! Não espete o ramo! Mude de posição o ramo!»

A actriz Virginia na «Flor do Chá», aos 16 annos

A peça representou-se innumeras vezes, e até á ultima recita o pesadello de Virginia foi sempre o ramo. Para o fim já estava mais á vontade na scena, andava melhor, movia-se melhor, dizia o seu papelinho de ingenua com verdadeiro talento, —mas o ramo continuava espetado, immovel, solemne. Foi só mais tarde que os braços se lhe começaram a formar, a despegar do corpo, com a pratica de scena e a insistencia do trabalho,—até a tornar o que é hoje, a actriz que em Portugal melhores braços tem e mais sabe do seu officio.

Deu-se então uma circumstancia inesperada que muito favoreceu nos seus primeiros passos a carreira da illustre actriz. A ingenua do theatro do Principe Real era por esse tempo a Margarida, irmã da Anna Pereira, uma linda rapariga que tinha certo talento, certa vivacidade, e que arrematára todos os bons papeis da casa. Emquanto ella ali estivesse, seria manifestamente difficil a Virginia caminhar e impôr-se. Quiz então o acaso que a Margarida começasse a gostar do illuminador do theatro, o Julio *do Gaz*, e que o namoro fosse por diante com a maior seriedade e gravidade do mundo,—com tanta gravidade e tanta seriedade, que d'ahi a poucos mezes estavam casados, a ingenua trocava a gloria pelo *pot-au-feu* e abandonava definitivamente o theatro sem a minima consideração pela empreza e pelos emprezarios. A situação era difficil, não havia de quem lançar mão, Virginia era a unica apezar de ter debutado na vespera; — foi preciso por conseguinte aproveital-a, invental-a quasi, dar-lhe papeis, impôl-a ao publico. D'ahi a pouco tempo, a nova ingenua fazia, com applauso, todos os papeis da Margarida Pereira, e passada uma ou duas epocas, era respeitosamente olhada como uma das actrizes de mais futuro do theatro portuguez. O seu nome fixou-se em todos os espiritos, o seu sorriso entrou em todos os corações, havia como que um halo d'ouro de sympathia e de santidade em volta da sua cabecita airosa, e os poetas do tempo, de cabelleira enorme, — sempre os houve, santo Deus!—cantavam a voz musical, a voz cheia de lagrimas de Virginia, com um enthusiasmo que tocava o extremo da commoção... e da imbecilidade humana. Depois da *tournée* a Evora, na volta a Lisboa, com a empreza Santos e Pinto Basto que succedera no Principe Real á empreza Cesar de Lima,—Virginia estava lançada. Era já uma grande actriz.

A actriz Virginia aos 25 annos

E coisa curiosa: a illustre comediante deve indirectamente este successo, que decidiu do seu futuro, a uma brutalidade de Francisco Palha. Se

A actriz Virginia na «Varina» de Fernando Caldeira

(Aos 26 annos)

não fosse essa brutalidade, Virginia teria derivado para a operetta e liquidaria n'uma cantora mediocre.

O caso passou-se muito simplesmente. Uma pessoa da familia de Virginia, antes de ter contractado a sua entrada no Principe Real, tentou escripturai-a no theatro da Trindade, que estava ainda a construir-se nas ruinas do antigo palacio d'Alva e ia em breve abrir as suas portas. Francisco Palha escutou o pedido que lhe faziam, mandou que trouxessem a pequena ao seu escriptorio, e ao vel-a entrar, no dia seguinte, muito modesta, muito acanhada, muito simplesmente vestida, com o ar desgracioso e *gauche* de todas as pequenas de 13 annos que começam a formar-se, olhou-a d'alto a baixo, com a minucia de quem olha um objecto d'arte, e concluiu sacudidamente, voltando-lhe as costas e pondo o chapéu na cabeça:

— «Levem-na, levem-na. E' muito feia!»

A pequena chorou. A pessoa de familia, que a acompanhava, saíu furiosa. Mas não resta duvida de que foi á brutalidade do velho Morgan-emprezario que nós ficámos devendo a grande actriz de hoje. *A' quelque chose malheur est bon:* quanto a illustre Virginia lucrou em que tivessem achado feia a sua ingenua adolescencia de 13 annos!

SANTOS PITORRA MESTRE DE VIRGINIA ◎ A INGENUA ◎ VIRGINIA NA OPERETTA ◎ A «FLOR DE CHÁ»

D'ahi por diante, a sua carreira foi um constante triumpho. Os successos contavam-se pelas peças. A pobre pequena humilde que Francisco Palha achára feia estava então uma linda mulher de dezenove annos, com uma intraduzivel expressão de olhar, um encanto que se não definia, o ar grave e sereno d'aquellas Madonas que a escola italiana pintava n'uma deliciosa contradicção de maternidade e de ingenuidade. O seu nome repetia-se com ternura. O que havia pouco era apenas uma esperança, tornára-se em quatro annos uma confirmação gloriosa. Da actrizinha que mal sabia pegar n'um ramo de flôres, surgira em pouco tempo a primeira ingenua dramatica do theatro portuguez.

Santos Pitorra, então emprezario do Principe Real com o proprietario das «Variedades», Pinto Basto, encarregára-se de a dirigir e de a ensinar. Estava em boas mãos. A primeira peça que Virginia representou, ensaiada pelo grande mestre, foi

A actriz Virginia

(Aos 30 annos)

o *João Carteiro*, em 1870, — anno em que no mesmo theatro debutou o actor Alvaro. Teve um successo colossal. A seguir representaram-se *Os dois Anjos*, em que entrava Brazão. N'essa peça succedeu a Virginia um contratempo para que a sua pouca pratica do *metier* não soube encontrar uma solução rapida, e que d'ahi por diante lhe lembrava com pavor sempre que tinha de tocar piano em scena. A ingenua da peça, que se chamava Luiza, estava ao piano tocando uma valsa endiabrada, e quando entrava o pae tinha de levantar-se bruscamente e de lhe saltar ao pescoço n'uma explosão de ternura: — «*Oh! meu querido pae!*» Uma bella noite, o pianista, nos bastidores, estava distrahido. Chegou a grande scena. A pequena sentada ao piano tocava; o pae entra, ella levanta-se, abre-lhe os braços, salta-lhe ao pescoço, — «*Oh! meu querido pae!*», — e o piano continua a tocar, desalmadamente, sem ninguem lhe mexer, a mesma valsa batida, roufenha, endiabrada. Foi uma gargalhada geral. Virginia, n'uma afflicção, já não sabia se havia de abraçar o pae, se havia de voltar ao piano, — e acabou por tomar o partido de rir com o publico, a bandeiras despregadas, emquanto o contra-regra, furioso, fazia calar, nos bastidores, o imbecil do pianista. D'ahi por diante a grande actriz nunca mais entrou em scena, nos *Dois Anjos*, que não perguntasse ao pobre homem, com a maior tranquillidade do mundo:

— «O senhor hoje tambem está distrahido?»

A actriz Virginia

(Aos 32 annos)

Aos *Dois Anjos* seguiu-se o *Abysmo*, grande successo de Virginia, os *Solteirões*, outro grande exito, *O que fazem Rosas*, de Eduardo Vidal, — e innumeras peças que seria longo enumerar e que foram radicando progressivamente no publico o nome hoje glorioso da primeira actriz portugueza contemporanea.

Mas na empreza Santos Pitorra — o que é a força do destino! — não se representou apenas drama e comedia: tambem se fez operetta. Estava escripto que Virginia havia de cantar. Já na anterior empreza Cesar de Lima a grande comediante desempenhára na «*Lampada Maravilhosa*», onde tambem entrou Brazão, o papel gracioso e leve de «Deus do Amor». Mas era um simples *bout-de-rôle*: os grandes papeis vieram depois, — na «*Flôr de Chá*», na «*Ponte dos Suspiros*», na propria «*Grã-Duqueza*». Entretanto, esta curta phase d'operetta significou apenas, na vida artistica de Virginia, um episodio e não uma derivação de genero. A illustre actriz não se sentia bem, não podia sentir-se bem, a fazer por exemplo o «Reino das Fructas», na «*Lampada Maravilhosa*». Já era bastante grande dentro do theatro, para comprehender que a operetta quebrava a linha d'aristocracia que se impuzera a si propria. De resto, faltavam-lhe condições. Tinha uma linda voz, tinha um excellente ouvido, — mas quando chegava á execução assaltava-a um medo enorme de desafinar, perdia o tom constantemente, fazia de fel e vinagre os maestros. Pelo palco, nos intervallos de magicas ou operettas que se representassem, andava sempre um rabequista atraz d'ella, a dar-lhe o tom. E se por acaso o musico se afastava, era Virginia que o procurava, afflicta, cheia do pavor de desafinar, da obsessão de desafinar, gritando-lhe aos ouvidos, reclamando, exigindo:

— «Mas o tom! Dê-me depressa o tom, que já me esqueceu!»

O que valia, era que para bem da grande artista e do theatro, que ella honra como ninguem, os dramas serios voltavam, voltavam as altas comedias de brilho, — e então, a respeito de tom... era ella que o dava aos outros!

EM D. MARIA II — VINTE E SETE ANNOS N'UM THEATRO — VIRGINIA E ROSA DAMASCENO — O GRANDE THEODORICO — HISTORIA DE UM BEIJO

Quando Santos Pitorra passou do Principe Real para D. Maria (empreza Santos e Pinto), Virginia, a sua ingenua preferida, a sua dilecta discipula, acompanhou-o. D'ahi até 1897, manteve-se ininterruptamente no nosso primeiro theatro, durante vinte e sete annos consecutivos. É a actriz portugueza que mais tempo se tem demorado n'um theatro. Esta permanencia constitue, por si só, a affirmação irrecusavel de qualidades de disciplina e de primores de caracter pouco vulgares. Só quem sabe o que é a vida de palco, com as suas intrigas, com os seus cancans, com as suas mizerias, é que póde dar verdadeiro valor a esta pagina moral da biographia de Virginia. Espirito fidalgo de mulher, a illustre actriz foi sempre superior á mesquinhez das invejas e das vaidades, — e sobretudo comprehender, intelligente como é, que para se ser uma grande comediante não é absolutamente necessario ser-se uma indisciplinada e uma perturbadora.

Foi em D. Maria que Virginia começou a pôr de parte as ingenuas, para encarregar-se exclusivamente das grandes-damas. Datam d'esse periodo a *Princeza de Bagdad*, a *Dyonisia*, a *Estrangeira*, a *Fédora*, — creações completas e admiraveis. A sua ultima ingenua foi a *Maria* do «*Frei Luiz*», peça que foi representada em seu proprio beneficio, fazendo Emilia Adelaide a *Magdalena*, Magioly o *Frei Jorge*, Santos o *Manuel de Sousa*, Antonio Pedro o *Telmo Paes*. D'ahi por diante, só por excepção se encarregou d'esse genero de papeis. As ingenuas eram sempre distribuidas á sua grande amiga e sua irmã no talento, Rosa Damasceno, a

nossa Reichemberg, actriz de poetas cujo nome ficará em lettras de oiro na historia do theatro portuguez.

As relações de affectuosa estima que manifestaram sempre estas duas illustres comediantes, davam bem, por si só, motivo largo para um curiosissimo artigo. Eram muito amigas ambas,— Virginia e Rosa Damasceno. Nunca entre ellas passou sequer a nuvem d'um mal entendido. Coisa rara em theatro, e para mais, tratando-se do sexo fragil: admiravam-se profundamente, estimavam-se como verdadeiras irmãs, e sendo ambas natural e nobremente reservadas, não havia, quando se juntavam, duas almas mais alegres e mais buliçosas. Eram um sorriso constante. Enternecia vel-as, seguil-as, escutal-as. Faziam tanto barulho, cochichavam e riam tanto, que os ensaiadores, ao marcar as peças, recorriam a prodigios de technica para as ter sempre longe uma da outra. Ás vezes combinavam verdadeiras diabruras. Rosa Damasceno, com o seu espirito vivissimo, com a sua *verve* inexgotavel, era a primeira a lembrar-se das partidas. Virginia, muito galante, muito graciosa, era quasi sempre a mais prompta em executal-as. Ao Brazão, ao João Rosa, ao Antonio Pedro, ao Cesar de Lima, ao proprio Theodorico, não teem conta as judiarias que ellas fizeram. Este ultimo então prestava-se excepcionalmente a isso, porque, sendo um dos nossos maiores actores, era ao mesmo tempo um typo de extravagante e de celebrão como não se conheceram outros no theatro d'aquelle tempo. Imaginem um velho alto, robusto, com uma gravidade de pae nobre, uma solemnidade de capitão-mór, preoccupado constantemente com a idéa da pontualidade—a sua e a dos outros—; indo sentar-se com um grande relogio d'oiro na mão, á hora do ensaio, a contar os minutos que os collegas tardavam; passando os dias a tirar palitos da algibeira do casacão e a partil-os com os dentes, — e ahi teem pouco mais ou menos a figura do grande Theodorico, uma das glorias authenticas do theatro portuguez e um dos typos acabados da exquisitice nacional.

A actriz Virginia na «Fedora» de Sardou
(Aos 35 annos)

Mas a maior extravagancia do grande actor era o horror invencivel que elle tinha aos beijos. Não consentia, por principio nenhum, que alguem o beijasse em scena,—e elle mesmo, quando tinha de levar os beiços á mão d'alguma personagem, era o seu proprio pollegar que beijava. Um dia, n'um dramalhão chamado *Gustavo o Bom*, então em ensaios, em que Virginia tinha de lançar-se ao pescoço do velho actor, Rosa Damasceno, muito garota, desafiou-a n'um sorriso:

—«Não és capaz de dar um beijo a serio no Theodorico, na noite da recita!»

Não foi preciso mais nada. Virginia calou-se, mordeu os beiços n'um risinho disfarçado, esperou a opportunidade,—e na noite da primeira representação, com o theatro cheio, ao approximar-se a scena do beijo, armou o salto, não esperou pela deixa, e sem que o velho Theodorico tivesse tempo para defender-se, deu-lhe um beijo enorme, um beijo tempestuoso, um beijo atroador. O espanto, o susto do grande actor foram de tal ordem, que já não sabia o que havia de dizer, já não atinava com as palavras, e no meio do riso nervoso de Virginia não fazia senão repetir, atrapalhado, afflicto, reprehensivo:

—«Oh! rapariga! Oh! rapariga! Oh! rapariga!»

Com que saudade infinita ella ha de recordar esta aventura ingenua da sua mocidade, agora que os seus lindos cabellos já pratearam e que para ella já vae percorrido gloriosamente meio caminho da existencia?

AS ULTIMAS CREAÇÕES DE VIRGINIA NO HABITO DE S. THIAGO DE QUANTO GANHA UMA PRIMEIRA ACTRIZ PORTUGUEZA

Depois de vinte e sete annos consecutivos no theatro de D. Maria, Virginia, seguindo o schisma Ferreira-Posser, afastou-se durante um anno para o theatro da Trindade onde fez a admiravel creação da *Musette*, e voltou passado esse anno para o seu querido theatro, ao abrigo da lei de 1898.

D'então para cá, as creações succederam-se,—da «*Question d'argent*» de Dumas, ás «*Lionnes Pauvres*» d'Augier, da «*Catharina*» de Lavedan ao «*Frei Luiz*», de Garrett. Cada nova mascara de dôr e de soffrimento com que enriquecia a sua collecção enorme era mais um novo triumpho, mais uma ovação ruidosa. Não ha um só dos nossos dramaturgos mais cotados que lhe não deva a materialisação d'alguma figura intensa de mu-

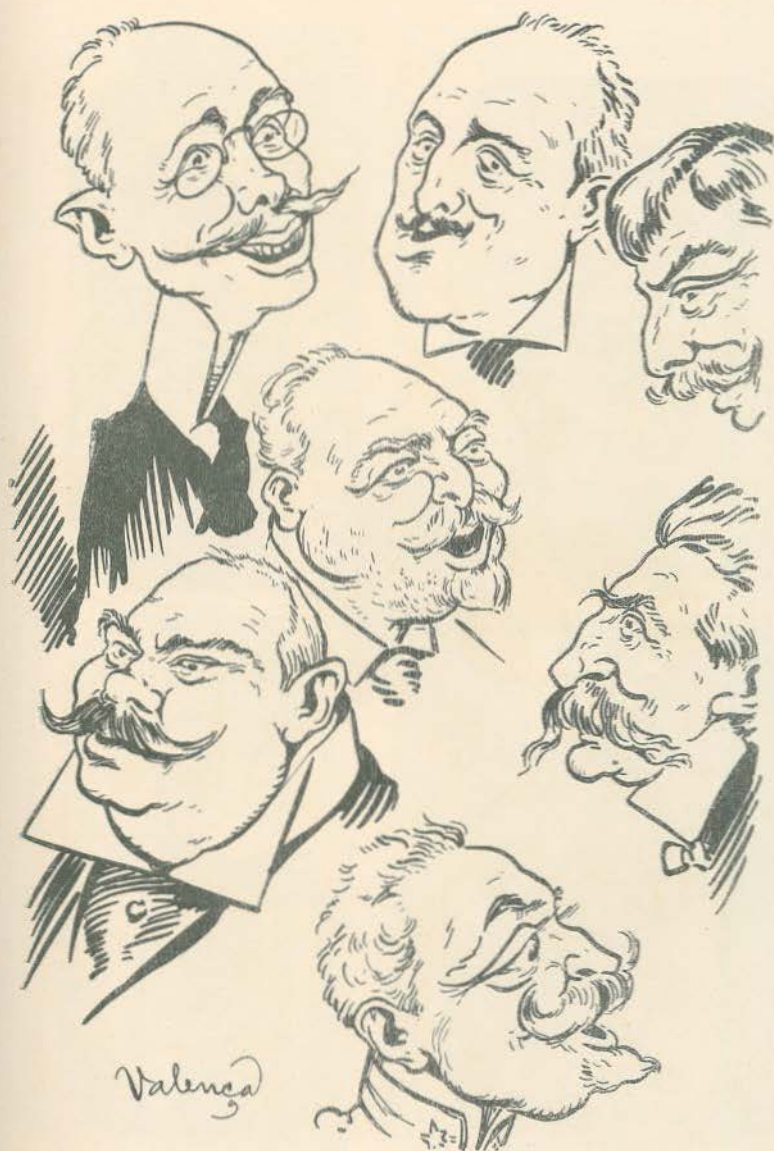
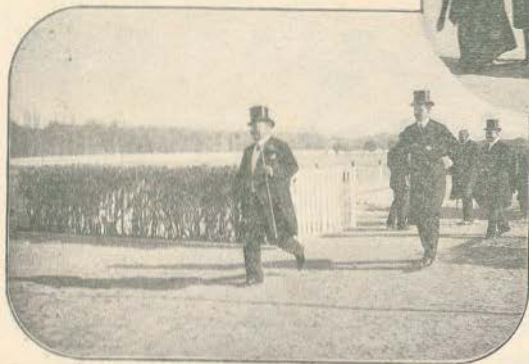
lher. Ella só, á sua conta, tem feito vingar, á força de talento, muita scena de comedia que não vale a voz d'oiro que a recita. É a actriz portugueza que mais intimamente reproduz o sentimento e o feitio da nossa raça. Honra o theatro em que representa, — como honra a terra em que nasceu. O governo do sr. Hintze Ribeiro agraciou-a com o habito de S. Thiago: é justo reparar esse erro e dar-lhe ámanhã, pelo menos, o officialato. Trabalha ha quarenta annos, consecutivamente, gastando os nervos, a saude, a alma: é justo tambem que se lhe conceda, como mercê excepcional, a aposentação extraordinaria. Ninguem como ella o merece tanto, — pelo seu trabalho, pelo seu talento, pela sua virtude, pela sua bondade. É mais do que um acto de justiça, — é a paga d'uma divida.

Para fechar estes ligeiros apontamentos, e como subsidio interessante para a historia da profissão d'actor em Portugal, vamos dar a nota dos honorarios de Virginia, desde a sua iniciação no theatro até á suprema hierarchia de artista de merito em que actualmente se encontra. Por ella se vê qual o maximo a que póde aspirar, entre nós, uma primeira actriz dramatica.

Começaram por fixar-lhe, no principio da sua carreira, 12 mil réis. Foi uma alegria, chorou, riu, cantou, parecia doida, — tinha a impressão de que não sabia onde havia de metter tanto dinheiro. Depois, com o casamento de Marianna Pereira, como o trabalho e as responsabilidades augmentaram, o ordenado subiu logo a 50 mil réis. É claro, já não lhe pareceu tanto: a modista era cara, ia-se tudo em vestidos. Apesar d'isso, foi com esse mesmo honorario que o illustre Santos Pitorra a levou do Principe Real para D. Maria. Ao fim de dois ou tres annos estava já em 75 mil réis. Com a empreza Rosas e Brazão passou a 100, depois a 120, — e com esta ultima quantia se conservaria hoje, se não estivesse em meia-actividade com cincoenta por cento dos vencimentos. Entretanto — santa illusão do primeiro dinheiro que se ganha! — nunca o seu ordenado lhe pareceu tão grande como no tempo em que ganhava apenas 12 mil réis com descontos. — «*Oh! c'était le beau temps, j'étais bien malheureuse!*» — dizia com saudade a celebre Sophia Arnould, ao recordar, na abundancia e na riqueza, o tempo feliz da sua mocidade e da sua mizeria. Paraphraseando-a, a grande Virginia pode dizer tambem, lembrando a sua primeira epoca do Principe Real:

— «Como eu era feliz quando ganhava só 12 mil réis!»

A actriz Virginia aos 27 annos

OS QUE PARTEM

OS QUE CHEGAM

VISITA DOS REIS DE PORTUGAL A MADRID

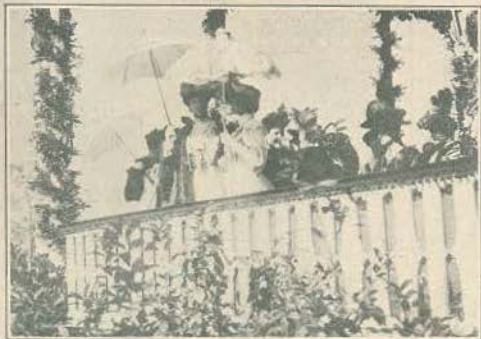
O TIRO AOS POMBOS NA «CASA DE CAMPO»

Os Reis de Portugal dirigindo-se para a «Casa de Campo»—Esperando os Reis de Portugal e Hespanha—O ministro de Portugal, conde de Tovar, a sr.ª condessa de Tovar e sua filha—A chegada d'El-Rei ao recinto do Tiro—Os cumprimentos dos dois Reis

(Photographias tiradas especialmente para a «Illustração Portugueza» pelo seu collaborador artistico M. Ygl.)

VISITA DOS REIS DE PORTUGAL A MADRID

O TIRO AOS POMBOS NA «CASA DE CAMPO»

Chegada da Rainha de Portugal—Chegada da Rainha de Hespanha—Chegada da Infanta D. Izabel—As Infantas D. Maria Thereza e D. Izabel—El-Rei atirando aos pombos

VISITA DOS REIS DE PORTUGAL A MADRID

O JURAMENTO DE BANDEIRAS NO PASSEIO DA CASTELLAÑA

As duas Rainhas na tribuna — Os Reis de Hespanha e de Portugal — A missa campal — O desfile das bandeiras
Os Reis passando revista ás tropas — O Rei de Hespanha despedindo-se da Rainha D. Maria Christina

(Photographias tiradas especialmente para a «Illustração Portugueza»)

Directoria da Filial: Presidente — Conselheiro Julio Marques de Vilhena, *Governador do Banco de Portugal, Par do reino, Ministro de Estado Honorario* • Director consultor: Conselheiro Dr. Luiz Gonzaga dos Reis Torgal, *Advogado* • Director medico — Dr. Henrique Jardim de Vilhena • Gerente M. A. do Pinho e Silva ◆◆ **Dotações de creanças de 1 aos 15 annos** Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premios, prospectos e outras informações que forem dirigidos á filial

D'A Equitativa dos Estados-Unidos do Brazil

LARGO DE CAMÕES, 11, 1.º

LISBOA